

Pirâmide Invertida

O ministro Paulo Renato, da Educação, provavelmente com o mesmo ceticismo de milhões de brasileiros que todos os inícios de ano contemplam pela televisão o espetáculo deprimente das filas para matrícula nas portas das escolas, declarou que elas continuarão “enquanto existirem escolas públicas boas e ruins”. As filas maiores seriam para as escolas boas.

Talvez a análise do problema não seja tão simples assim, mas o fato da existência de filas, caracterizando ato desumano por sua inevitabilidade, já devia ter merecido preocupação por parte das autoridades. O ministro se referiu às escolas públicas do 2º grau, objeto, segundo ele, de tentativa de melhoria da qualidade do ensino, mas a questão é mais ampla. Há filas brutais em todas as cidades à porta de escolas municipais, estaduais e federais, e não são de hoje.

O sofrimento de pais de alunos, todos os anos, é apenas a máscara visível de outros problemas que ainda continuam a afetar o ensino brasileiro, em todas as suas angulações. De cada 100 crianças que entram na 1ª série, apenas 56 concluem a 5ª – índice igual ao do Sudão e ao da Nigéria. O Brasil gasta por ano 35 bilhões de dólares com educação – o que não é pouco, pelo contrário. Deste total, só um terço vai para o en-

sino fundamental. Os alunos brasileiros levam em média 11 anos para concluir os oito anos do ensino fundamental. Enfim, 88,8% das escolas brasileiras são públicas e apenas 11,2% são particulares.

O atual secretário mineiro de Educação, Murílio Hingel, que aboliu das escolas públicas de Minas o sistema de ciclos recomendado pelo MEC, voltando ao sistema de séries, lembrou, no tempo em que era ministro em Brasília, que União, estados e municípios gastam o triplo do que efetivamente seria preciso para manter o aluno na escola.

Com este pano de fundo de desperdício, com a evasão de alunos e também evasão de professores (mal pagos, mal formados, mal aproveitados, longe de corresponder ao que se espera deles), e com o sofrimento das pessoas nas filas para obter a dádiva da matrícula para os filhos, na mesma área de suas residências, o ensino público brasileiro continua, apesar das melhorias observadas nos últimos tempos, a ser um barco que faz água por todos os lados. Continua invertida a pirâmide do ensino no Brasil. O grosso das verbas vai para o ensino superior, quando deveria fluir para o básico. São estes cursos de rio que precisam ser trocados, para tentar manter o barco na superfície.